

| 263 | EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE, EXPERIÊNCIAS DE ESPACIALIDADES: RESGATANDO DIFERENTES ABORDAGENS

Silvana Maria Zioni, Volia Regina Costa Kato

Resumo

Entendendo que é na dimensão do vivido e das práticas sociais que os espaços públicos urbanos são fundados e adquire significado social e histórico, este documento apresenta uma reflexão metodológica de análise de espacialidades urbanas da cidade contemporânea, tomando de empréstimo olhares interdisciplinares que se cruzam e onde a mobilidade é o elemento privilegiado. Busca-se entender o espaço público não apenas como espaço de representação de atores sociais, mas também, na sua dimensão do real que se apresenta nas cadências e fluxos da vida cotidiana, pois é ela que nos informa sobre as práticas sociais, os significados diferenciados e simultâneos e o fato de que os espaços não são unidirecionais. A Avenida Paulista, em São Paulo, foi o objeto de uma reflexão sobre as experiências de mobilidade/espacialidade na metrópole, sobretudo a partir do incremento de múltiplas e diversas apropriações sociais que vem ocorrendo simultaneamente a melhorias na sua acessibilidade - ampliação da rede de transporte sobre trilhos, melhoria de passeios e da iluminação pública. Este artigo apresenta o resgate analítico de diversos autores que, ao lado de observações sistemáticas e registros iconográficos das apropriações sociais ao longo da Avenida Paulista, vem servindo de apoio a pesquisa exploratória sobre esse particular espaço público. Ainda que estejam voltadas para as singularidades dessa espacialidade as reflexões contidas nessa pesquisa assumem o contorno de um ensaio propositivo sugerindo categorias de análise que abrem perspectivas para interpretar usos e significados simbólicos dos espaços públicos na cidade contemporânea.

Palavras-chave: cotidiano, mobilidade, espacialidade, espaço público urbano

Apresentação

Discutir as relações entre espacialidade e mobilidade como elementos que incidem sobre a ressignificação dos espaços públicos na cidade contemporânea implica no confronto com interpretações unidirecionais que vêm nas experiências de compressão do tempo e na priorização dos deslocamentos individuais viabilizadas pelo automóvel o declínio da qualidade específica da cidade de abrigar o encontro e convivência entre diversidades sociais e a tolerância para com o estranho e o diferente.

Nesta perspectiva pessimista, a configuração das relações econômicas, sociais e culturais em redes e a velocidade das comunicações apoiadas pelas tecnologias informatizadas cada vez mais sofisticadas completariam o desmonte do espaço público, num sentido político mais amplo, e de seus canais institucionais, na medida em que estes espaços passam a ser ocupados pelos interesses privados, pelas corporações, transformando os cidadãos em consumidores e os movimentos sociais em grupos de interesses (Dupas, 2005). Nos dois aspectos, as categorias - *público e privado*, como tantas outras dicotomias formadas

na modernidade ocidental e sedimentadas no imaginário social estão implícitas nas constatações empíricas, mas não dão conta de explicar a complexidade dos fenômenos sociais e urbanos contemporâneos.

Observa-se, por um lado, que as formas de interações sociais e a velocidade e diversidade dos fluxos, paradoxalmente aproximam e distanciam os indivíduos atravessando e alterando fronteiras físicas e sociais; aumentam a centralidade econômica dos espaços urbanos e a complexidade dos fenômenos; tendem a reduzir as experiências sensoriais dos indivíduos; homogeneízam gostos e consumos; ampliam o embotamento das subjetividades em relação aos problemas do mundo, acirrando diferenças, conflitos e radicalismos localizados. De outro lado, e simultaneamente, operam mecanismos de aproximação relacional e de configuração de identidades através de formas renovadas de apropriação dos espaços públicos propiciadas pela própria vivência cotidiana na cidade onde se inserem, entre outras, práticas culturais e de lazer, a festa e o protesto como eventos pontuais que permitem reatualizar em outros moldes a visibilidade pública de protestos e manifestações de identidades sociais. Nestas imbricações de fronteiras e experiências vivenciais, as espacialidades contemporâneas são prenes de conflitos, contradições, desconexões, disjunções, ou seja, de temporalidades diversas e fragmentadas.

Entendendo que é na dimensão do vivido e das práticas sociais que os espaços públicos urbanos são fundados e adquire significado social e histórico, tal como sinalizado por Lefebvre (1999), busca-se aqui uma reflexão metodológica de análise de espacialidades urbanas da cidade contemporânea, tomando de empréstimo olhares interdisciplinares que se cruzam e onde a mobilidade é o elemento privilegiado.

A Avenida Paulista, em São Paulo, serviu de exemplo para se refletir sobre as experiências de mobilidade/espacialidade na metrópole, sobretudo porque aí as apropriações sociais por grupos e categoriais sociais diversas, incrementadas pela ampliação da rede de transporte coletivo, confrontam as representações simbólicas construídas em torno de uma espacialidade elitizada. A Avenida Paulista se diferencia pois se trata de uma construção bastante particular - a construção política de uma espacialidade diferenciada - que representa a importância reservada a excepcionidades exclusivas e aos privilégios em nossa sociedade, e que ao mesmo tempo, forja-se em contradições, visto que enquanto 'centralidade' essa espacialidade se torna atraente e atração para todos - simultaneidade de trajetórias múltiplas - e assim passa a ser apropriada pelas massas, portanto pelos comuns, indiferenciados geradores de deslocamentos e mobilidades.

Cabe salientar que, no escopo deste artigo, prioriza-se a apresentação do resgate analítico de diversos autores, buscando perceber as relações entre diferentes abordagens e uma matriz propositiva contendo categorias de análise que abrem algumas possibilidades interpretativas sobre os usos e significados simbólicos dos espaços públicos na cidade contemporânea. As referências à Avenida Paulista constituem apenas o pano fundo necessário sinalizando que é na dimensão do real-vivido que se colocam os apelos interpretativos.

Contextos analíticos e contextos dos indivíduos

Na cidade contemporânea a permeabilidade de fronteiras advindas dos fluxos e mobilidades crescentes e as experiências vivenciais pudes de conflitos, contradições, desconexões, disjunções, ou seja, de temporalidades diversas e fragmentadas, demandam interpretações de campos disciplinares diversos que possam trazer contribuições complementares.

Um dos olhares fornecidos pela sociologia do cotidiano permite analisar as sociabilidades urbanas e as atribuições de sentido dos espaços públicos na cidade contemporânea, como experiências de espacialidade.

Machado Pais (2003, p. 121) revela que a vida cotidiana, ao envolver um conjunto de ações e experiências de indivíduos e grupos sociais no decorrer de suas vidas diárias, constitui uma instância de investigação instigante na medida em que esconde e ao mesmo tempo revela os elementos estruturais da organização da sociedade. Destrinchar os *enigmas e revelações* trazidos pela vida cotidiana exige segundo ele, mais do que adotar uma teoria fechada e supostamente completa, uma aproximação empírica dos fenômenos realizando um trabalho de *retalhar a realidade no tempo e no espaço*. Através desta postura metodológica o investigador estabelece os '*contextos analíticos*' (elementos teóricos, conceituais) capazes de interpretar por entre linhas as condutas individuais e coletivas. Pode assim, mesmo que de maneira retalhada, *iluminar os fragmentos e a complexidade social*.

Ao mesmo tempo, a idéia de contexto também pode ser referida às situações de vida e aos padrões de comportamentos e práticas no dia a dia, conformando o "*contexto dos indivíduos*".

Os contextos analíticos correspondem às práticas científicas ou elaborações teóricas que ao operar uma combinação de variáveis permite ao investigador interpretações dos fenômenos da vida cotidiana. Inserem-se como variáveis todos os elementos pertinentes

para a compreensão dos fenômenos sendo indispensável situar a realidade no espaço (e as características físicas do território) e no tempo histórico.

Por outro lado, o contexto dos indivíduos é o conjunto dos elementos sociais que são importantes para os indivíduos: “*normas, regras, nortes de orientação, bússolas cognitivas, mapas de significação e representações sociais que regulam distintos estilos de ações, distintas condutas comportamentais*” (Idem, p. 123). Esses contextos se expressam através do senso comum, ou, o conjunto de conhecimentos comuns que são partilhados pelos indivíduos na dimensão cotidiana da vida social. Nesta perspectiva, lembra Pais, é possível ver a sociedade e no nível dos indivíduos. Tanto num caso como no outro, os contextos representam formas de retalhar a realidade embora com objetivos diferentes.

Os contextos analíticos contêm recursos, conceitos selecionados, ferramentas de interpretação da vida em sociedade e os contextos dos indivíduos ao expressarem modos específicos de viver contêm as normas e referenciais simbólicos apropriados por eles e que servem de orientação de suas condutas, compatíveis com as condições, circunstâncias e momentos de vida. O fato de que na vida social a transmissão de valores e normas se faz de maneira fluida e nem sempre nítida permite uma variedade de movimentação social de incorporação e expressão na esfera das situações vividas.

Vale dizer que, ao se relacionar com os elementos contextuais do meio, os indivíduos reinterpretem ou reelaboram de forma específica as grandes determinações sociais. É nesse sentido que a vida cotidiana se coloca como um elemento mediador entre as grandes estruturas sociais (econômicas, políticas, culturais) e as ações individuais e coletivas. As relações e interações entre os indivíduos presentes na vida cotidiana são mais do que simples relações psicológicas. Na perspectiva do autor, as ‘cenas’ do cotidiano nas quais se situam as relações sociais são construídas num determinado tempo histórico e sofrem a influência das forças influentes na sociedade. Nesse sentido existe um ‘*contexto social*’ que funciona como sustentação significativa das interações. Os indivíduos selecionam os elementos do contexto social que consideram relevantes e seus comportamentos informam as posições sociais que ocupam, os valores e identificações simbólicas que portam. Conforme afirma, (Pais, 2003, p. 111, grifos do autor):

Antes de Khun desenvolver os conceitos de ‘ciência normal’ e de ‘paradigma’ já Huizinga¹ assinalava, ao discutir o caráter lúdico do saber e da ciência, que uma das condições essenciais do jogo, e também da ciência, é o campo do jogo: círculo limitado em que

¹ Conforme referência contida no texto citado: HUIZINGA, F. *Homo Ludens*. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p.39 (1ª ed., 1954).

transcorre a ação determinada por regras e protocolos de movimento. Pois bem, também a sociologia opera dentro dos limites metodológicos e conceituais em que se move. Só que a sociologia da vida quotidiana parece necessitar de se mover em dois campos de jogo ou em dois campos paradigmáticos: por um lado, há o interesse em olhar a sociedade a nível dos indivíduos; por outro lado, há a necessidade de ver como a sociedade se traduz na vida deles.

Conforme Pais (Idem, p. 113) muitos sociólogos da vida cotidiana se concentram nos fenômenos sociais casuais, considerados mais espontâneos e menos sujeitos ao controle; *“contudo, mesmos os aspectos mais banais da vida quotidiana mostram a existência de um controle social informal, mecanismos de difusão de sociabilidade que expressa, a sua natureza profundamente reguladora”*. Refere-se especialmente a Erving Goffman² cujo pensamento interpretativo das interações públicas e visíveis dos indivíduos contribui para se perceber a riqueza dos arranjos sociais, identificando o fato de que elas estão recobertas de teatralidade e dissimulação e representam manifestação de jogo com regras e papéis sociais definidos. Concordado e discordando simultaneamente desse autor, para Machado Pais é preciso superar a interpretação isolada destas esferas macrossociais e reconhecer nelas, a presença de imposições mais amplas da sociedade.

Contudo e considerando que a vida cotidiana se movimenta em ritmos temporais diversos, cadências que se interpõem, não pode ser um reflexo mecânico das estruturas sociais: ao lado das ações repetitivas e rotineiras (relativas a um tempo organizado e coercitivo), existem na vida diária acontecimentos fortuitos e inesperados (relativos a um tempo mais solto e flutuante). Contém simultaneamente o estático e o flexível, a reprodução das estruturas e a mudança social.

No retalhamento da realidade, além do contexto temporal (compreendido em sua inserção histórica) a noção de espaço é imprescindível enquanto outro elemento fundamental. *“A componente espacial de um contexto social diz sempre respeito a um espaço antropológico. Esse espaço é-nos dado sob a forma de lugares e práticas e são estas que organizam esses lugares em trajetos, direções.”* (Idem, p. 127)

Ou seja, as ações e interações da vida cotidiana ocorrem num espaço - e este é o elemento mediador porque se encontra carregado de significações simbólicas. O espaço é sempre relacional e tem como características inerentes, forças motrizes e movimentos. Os lugares, no sentido físico e “geograficamente definidos se transformam em espaços quando neles descobrimos a presença do social.” (Id. Ibidem)

² As posições desse autor discutidas por Machado Pais encontram-se em: Goffman, E. *Relaciones en Público. Microestudios de Orden Público*. Madrid, Alianza Universidad, 1971.

Espaços e temporalidades – espacialidades e mobilidades

As categorias tempo e espaço são adotadas como essenciais na perspectiva sociológica de análise da vida cotidiana. Se para Pais são consideradas acessórias para a definição de um contexto, também outros autores a elas se referem como elementos indissociáveis.

As diversas cadências da vida cotidiana possuem algumas faces expostas nos espaços públicos urbanos, vistos não como uma composição linear, mas articulados a escalas físicas nem sempre contíguas (espaços globais, espaços de proximidade relacional, etc.), que imbricadas reafirmam a criação e redefinição constante de lugares de uso coletivo e simbolicamente significativos, e atuam na aproximação e distanciamento das diferenças sociais.

Referenciada também pelo viés da Sociologia da vida cotidiana, Frehse (2011, p. 32) interpreta os vínculos entre rua e cidade sob o impacto da modernidade, objetivando explorar *“em termos teóricos e metodológicos o fato de que a concepção do espaço da rua como mediação de práticas sociais é indissociável de uma compreensão das relações e das práticas sociais nas quais o destaque cabe àquilo que Lefebvre³ chama de ‘vívido’*”. E mais ainda, reafirma que a compreensão das interações sociais que ocorrem nos espaços públicos da cidade demanda as referências de contexto, ou seja, *“A cidade que a rua revela sinaliza, assim, dilemas e possibilidades históricas que são as do urbano que essa rua e essa cidade anunciam no plano do vívido.”* (Idem, p. 33).

Neste seu trabalho enfatiza as mudanças nas regras de conduta dos pedestres na rua do centro da cidade de São Paulo com o advento da modernidade, especialmente em dois intervalos de tempo - 1808 a 1860 e 1880 a 1917. É bom lembrar que esses intervalos se encontram em um período quando são marcantes algumas mudanças nas condições de mobilidade na cidade - no primeiro período, a implantação da ferrovia, e o segundo demarcado pela introdução do bonde movido por tração elétrica, cujos reflexos na espacialidade da metrópole são evidentes até nossos dias. Assim, *“As ruas do centro de SP teriam sido amplamente dominadas pelas regras de civilidade moderna da circulação, sendo seus protagonistas transeuntes mergulhados em mais ou menos frementes multidões.”* (Idem, p. 531).

³ Referência da autora a LEFEBVRE, H. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

Como Pais, Frehse reconhece que os espaços públicos ao mesmo tempo e que contém as repetições e rotinas do cotidiano submetidas às normas reguladoras das ações sociais são também depositários do surpreendente, do inesperado, do confronto e dos conflitos sutis e, ou, declarados.

Em outro momento (Frehse, 2005, p. 235-237), ressaltar o caráter conflitivo do espaço público que é gestado em São Paulo nas duas décadas finais do Império. A mediação reveladora do argumento foram os transeuntes evocados nos jornais paulistanos da época. Já aqui, há como dar um passo a mais nessa interpretação. As diferentes representações sobre as posições sociais e/ou morais dos respectivos pedestres por referências ao longo arco temporal entre 1807 e 1912 evidenciam que as relações socioespaciais dos pedestres constituem mediações de um conflito que se realiza no espaço social. Nesse sentido, é inevitável lembrar da ênfase bourdieusiana nas relações de homologia entre espaço social e o espaço físico. (Frehse, 2011, p. 577)

As articulações entre o social e o espacial se expressam através de apropriações desiguais dos lugares físicos da cidade, definindo a conformação das segregações urbanas, ao mesmo tempo em que no plano do 'vivido' se materializam nas 'disputas por territórios' através de regulações de comportamentos, vigilância e confrontos.

Por isto mesmo, afirma Villaça (2012, p. 288), nenhuma análise do espaço urbano jamais pode ser feita se não se houver uma articulação social e, na esfera urbana a segregação é o elo mais eficaz de ligação entre o social e o urbano. Assim, as contradições sociais se manifestam tanto num plano maior das articulações das espacialidades da cidade quanto, nas dimensões da vida onde as cadências repetitivas das rotinas e as cadências soltas do lazer e do flunar se realizam como comportamentos regrados ou como apropriações espontâneas dos lugares, onde o imprevisível e as lutas simbólicas acontecem.

Na vida cotidiana, a composição de temporalidades e espacialidades de cada situação expõe simultaneamente as contradições sociais e as condições e possibilidades de seu enfretamento. E é este o duplo desafio investigativo: desvendar como a sociedade se expressa no cotidiano e em que aspectos o cotidiano carrega os germens da transformação social.

As experiências de espacialidade e de mobilidade peculiares a espaços públicos como a Avenida Paulista carregam implícitos conflitos e intermediações; fazem parte de um jogo com regras que buscam garantir as estratificações sociais, mas que não conseguem evitar o imprevisto, a aproximação de afinidades ideológicas e sociais e o confronto das diferenças.

Neste jogo, as estruturas de mobilidade e os fluxos de deslocamentos desempenham um papel estratégico. Sob o olhar sociológico, as análises de Renato do Carmo (2009) reafirmam a noção de que o espaço social, como uma composição complexa e não linear de escalas físicas, aparece como um campo de tensão no qual os elementos tanto se colidem quanto se aproximam.

Ao contrário das análises que previam o desaparecimento dos espaços relacionais e de identidade na sociedade moderna, o que transparece neste olhar é que a velocidade dos fluxos de comunicações virtuais e das mobilidades físicas não destruiu os lugares enquanto espaços de proximidade relacional⁴ mas reforçaram a criação incessante de novas espacialidades e ressignificação de espacialidades antigas, tornando estas duas categorias de análise cada vez mais indissociáveis.

Em Certeau (2011, p.184) *“Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratual”*.

O espaço é animado pelos fluxos e movimentos que nele se desdobram. Enquanto *‘lugar praticado’* o espaço é dual e operacional, apresentando as contradições dinâmicas entre cada delimitação e os vários movimentos e, portanto, significados e normas, representações de espacialidades e mobilidades experimentadas. E, ainda que *“um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”* (Idem, ibidem)⁵, as experiências de espacialidade e mobilidade são simultâneas e descontínuas.

Considerando que, *“a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres”* (Idem, ibidem), haverá tantos espaços vividos e experimentados conforme os diferentes ritmos dos trajetos, as cadências cotidianas dos pedestres, dos transeuntes, do flâneur.

E ainda, a variedade de situações que se apresentam dadas pelos momentos e interações possíveis nas relações dos indivíduos com suas circunstâncias urbanas e dos cidadãos com sua cidade, pode-se imaginar em quantas distintas e diferentes espacialidades, mobilidades, territórios a rua se transforme, pois num mesmo lugar podem coexistir tantas regiões quanto forem as interações ou encontros (Idem, p.194).

⁴ O autor situa de maneira pertinente o fato de que mesmo os lugares de passagem como aeroportos, estações de transportes, etc., considerados por muitos autores como *‘não-lugares’*, não substituíram as outras experiências espaciais da cidade e também são lugares como todos os outros, no sentido em que aí existem relações sociais e vivências locais.

⁵ O texto continua com interessante observação: *“Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar.”* (Certeau, 2011, p. 184).

Na perspectiva antropológica, Agier (2009) indica uma tipologia de situações, para descrever as relações entre os indivíduos e seu contexto urbano – entre indivíduo, espaço e a efetividade de um vínculo social – onde se privilegia o conceito de ‘relação’ em contraponto a de ‘espaço’, ainda que utilize os conceitos de ‘região’ que contem referências espaciais, ‘situação’, que configura interações além das referências espaciais, e de ‘redes’, que contem também referências espaciais especialmente as de mobilidade. Admitindo que nem todas as formas urbanas carregam o mesmo potencial de interação, de apropriação e de uso pelos cidadãos, a tipologia permitiria distinguir as diferentes formas de apropriação, pois afinal seriam elas que fazem com que os espaços públicos se tornem espaços da política ou da (expressão da) cultura ⁶.

Por outro lado, o olhar de um geógrafo, Tim Creswell, permite entender que a mobilidade, assim como o espaço, o lugar e o território envolvem uma hierarquia de inclusão e exclusão. Para o autor as práticas de mobilidade são fundamentalmente ideológicas, e que a associação das noções de liberdade, cidadania e mobilidade, que prevalece no contexto liberal, implica que a mobilidade-liberdade estaria incluída no corpo de cada um, praticamente como um atributo natural (2004, p. 149). Assim caberia ainda distinguir mobilidades emergentes, dominantes e residuais; o sentido de coexistência entre passado, presente e elementos de futuro e suas fricções que se defrontam com limites e barreiras físicas e simbólicas, na medida em que as fronteiras surgem em toda parte: as verticais, as comunidades ‘gradeadas’ e que os investimentos em segurança são cada vez maiores ⁷.

Creswell considera ainda o conceito de ‘capital mobilidade’, estabelecido por Bauman ⁸ como um fator de estratificação social, visto que existe uma forte relação entre a mobilidade de uns e a imobilidade de outros. Ou seja, o padrão de mobilidade de boa parte da população urbana estaria longe de evidenciar direitos, liberdade ou cidadania; e tampouco se expressa apenas em termos da oposição entre ‘pessoas hipermóveis’ e ‘pessoas imóveis’, mas principalmente em função de suas experiências de mobilidade.

⁶ As manifestações de rua são uma dimensão da cultura das cidades, como exemplifica Agier (2009, p. 132) citando as praças Bastille (Paris), Zocalo (Cidade do México) e Tien Na Men (Beijing).

⁷ Tereza Pires Caldeira e Setha Low desenvolvem estudos exemplares sobre o fenômeno das ‘barreiras’ ou ‘muros urbanos’, respectivamente nos contextos brasileiro e norte-americano, desmistificando a justificativa ideológica de salvaguarda da violência urbana que é utilizada pelos moradores destes empreendimentos. Através de um olhar antropológico, Low em seu livro *Behind the Gates* (New York: Routledge, 2004) mostra como a valorização simbólica que é conferida aos diferentes espaços da cidade se faz à partir das posições de classe social e se reproduz através das vivências cotidianas como contradições e/ou conflitos.

⁸ Refere-se a obra *Modernidade Líquida* de Zygmunt Bauman, editado em 2001 pela Jorge Zahar Editor.

Desse modo, entendemos que sendo a *mobilidade* um produto social, “... não apenas como uma liberdade, um instrumento ou um símbolo, cabe ser considerada como uma ‘função no campo do poder e que afeta a noção do próprio movimento’ e sendo assim, que seja regulada por convenções e instituições que lhes dê sentido...” (Creswell, 2004, p. 152).

Sendo a mobilidade um recurso apropriado de forma diferenciada, “a velocidade de uma pessoa é a lentidão de outra”. Uns movimentam-se de tal modo que fazem com que outros permaneçam fixos no lugar. (Creswell, 2009, p. 25). Por isso mesmo, “as mobilidades são simultaneamente produtos e elementos de produção de relações de poder” (Idem, p. 37). Ou, como afirma Lussault (2009, p. 214-215), ao destacar algumas tensões que caracterizam a apropriação do espaço público – coespacialidade, luta pelo espaço, separação, limitação, restrição de acesso – “as sociedades contemporâneas são caracterizadas pelas tensões entre os grandes princípios espaciais aparentemente contraditórios, de conteúdo ideológico, de normas e regulações, de tecnologias e práticas [...]”.

Para observar as dimensões do cotidiano

A primeira tarefa da investigação realizada sobre a Avenida Paulista foi identificar algumas formas de apropriação do espaço público caracterizadas pela tensão do deslocamento e pela tensão da transformação do lugar acompanhada de registro iconográfico. A partir dela foram construídos procedimentos metodológicos no qual se insere uma tipologia de ‘situações elementares do cotidiano’, proposta por Agier (2009), e que descrevem as relações entre os indivíduos e seu contexto urbano.

A incorporação adaptada da tipologia de Agier se traduziu em diversas matrizes configurando categorias analíticas voltadas para orientar as observações empíricas.

Seriam quatro as situações elementares - situação ordinária, situação extraordinária, situação de passagem e situação ritual – que definem a dimensão relacional do cotidiano urbano, e onde se encontram os diferentes momentos de interação dos cidadãos com sua cidade e das interações entre cidadãos na cidade, ou seja, uma combinação das determinações indivíduo, espaço e sociedade. (Agier, 2009, p. 57).

Enquanto a primeira – situação ordinária – descreve as interações regulares e repetitivas e as sociabilidades normatizadas, como são os afazeres cotidianos, ou o trabalho e o ir para o trabalho; a segunda categoria – situação extra-ordinária – indica as situações imprevistas ou acidentais, circunstâncias fortuitas que colocam o indivíduo frente a reações inesperadas, menos reguladas ou mediações sociais previsíveis (Idem, p. 58 -60).

A situação de passagem caracteriza principalmente por situações vividas nos limites espaço-temporais dos percursos, das situações em trânsito, nos espaços de mobilidade, sendo essencialmente marcadas pela relação indivíduo / espaço, e ainda que possam ocorrer cotidianamente e com regularidade, estão menos submetidas à mediação social.

Já as *situações rituais* se caracterizam por eventos efêmeros, e menos vinculados às regulações do cotidiano. Como encontro simbólico dos indivíduos e a coletividade, essas são as situações de expressões espontâneas, das festas, ritos religiosos, das comemorações, quando uma ordem específica de relações e de identidade se cria, tornando possível uma definição consensual sobre diversas formas limítrofes excepcionais, sendo o carnaval sem melhor exemplo (Idem, p. 62-64). Representam, por isto mesmo, rupturas nos movimentos repetitivos do cotidiano criando um tempo de duração efêmera, onde novas relações de significados simbólicos compartilhados são vivenciadas.

Em termos de proposta metodológica, a pesquisa ainda deve lançar mão de outros instrumentos qualitativos, (entrevistas abertas, conversas informais, sistematização cartográfica). Além das matrizes apresentadas a seguir, esses instrumentos seriam voltados para compreensão e análise das diferentes temporalidades que se cruzam nas situações de cotidiano, das motivações subjetivas dos agentes sociais envolvidos e dos significados simbólicos do espaço tanto nos seus elementos físicos quanto relacionais.

Este segundo momento metodológico trará subsídios e alavancará a análise da complexidade social nas dimensões verticais e horizontais presentes na vida cotidiana. Entendendo como dimensões verticais as manifestações de temporalidades históricas diversas sobre o presente, e as dimensões horizontais os ritmos e tempos não coincidentes no plano das vivências cotidianas, como nos ensina Martins (2000, p. 120).

Situação de apropriação do espaço público - Ordinária

<i>Espaços formais</i>	<i>Espacialidades observadas</i>	<i>Dimensões do cotidiano simultâneas e/ou descontínuas</i>	<i>Lugar praticado - processos e interações - a combinação particular dessas dimensões</i>
------------------------	----------------------------------	---	--

<p>Concentração de edifícios comerciais e de serviços - atividades e empregos terciários</p>	<p>Os percursos ao trabalho e os intervalos entre períodos de trabalho</p>	<p><i>Os lugares:</i> calçadas e travessias, galerias e átrios dos edifícios, paradas de ônibus, entradas do metrô.</p>	<p><i>As interações entre cidadãos na cidade:</i> isolamento, copresença, compartilhamento de significados, disputa pelo espaço</p>
		<p><i>Os horários:</i> entrada e saída do trabalho e estudo, intervalos do almoço e do café; fim de expediente</p>	<p><i>As interações dos cidadãos com sua cidade:</i> separação, coespacialidade, percepções e interpretações do espaço - apropriações do espaço / limitação e restrição de acesso</p>
		<p><i>As atividades:</i> caminhar, deslocamento, tempos de espera dos transportes, conversas, contemplar, leitura, comprarde jornais e revistas, olhar vitrines, comprar, fumar, beber, etc.</p>	<p><i>As regulações dessas dimensões:</i> fluxos de pedestres e veículos, sinalização de trânsito, organização das filas, segurança pública, regulação das manifestações, distribuição dos mobiliários urbanos, limites das propriedades privadas</p>
		<p><i>As pessoas envolvidas:</i> indivíduos, colegas de trabalho e de estudo, amigos, familiares</p>	

Situação de apropriação do espaço público - Ordinária

<i>Espaços formais</i>	<i>Espacialidades observadas</i>	<i>Dimensões do cotidiano simultâneas e/ou descontínuas</i>	<i>Lugar praticado - processos e interações - a combinação particular dessas dimensões</i>
<p>Concentração de equipamentos de lazer e cultura - museus, centros culturais, cinemas e livrarias</p>	<p>Os percursos aos locais de interesse - o simples passear ou 'flanar', o turismo, e os percursos dos esportistas</p>	<p>Os lugares: calçadas e travessias, galerias e átrios dos edifícios e calçadas fronteiriças, entradas do metrô, paradas de ônibus, praças, espaços pactuados para encontros</p> <p>os horários: entrada e saída dos eventos, percursos pós período de trabalho ou estudo, fins de semana</p> <p>as atividades: caminhar, deslocamento, tempos de espera dos transportes, conversas, contemplar, leitura, comprar de jornais e revistas, olhar vitrines, comprar, fumar, beber, etc.</p> <p>as pessoas envolvidas: indivíduos, amigos, grupos, familiares</p>	<p>As interações entre cidadãos na cidade: isolamento, copresença, compartilhar significados, lutar pelo espaço</p> <p>As interações dos cidadãos com sua cidade: separação coespacialidade, percepções e interpretações do espaço - apropriações do espaço / limitação e restrição de acesso - pontos de encontro, filas</p> <p>As regulações dessas dimensões: fluxos de pedestres e veículos, sinalização de trânsito, segurança pública, organização das filas, distribuição dos mobiliários urbanos, limites das propriedades privadas</p>

Situação de apropriação do espaço público - Extra-Ordinária

<i>Espaços formais</i>	<i>Espacialidades observadas</i>	<i>Dimensões do cotidiano simultâneas e/ou descontínuas</i>	<i>Lugar praticado - processos e interações - a combinação particular dessas dimensões</i>
<p>Concentração de edifícios com forte representação simbólica - atividades de comando e de poder político, econômico, atividades culturais</p>	<p>A presença de diversos atores e grupos sociais</p> <p>A performance de artistas de rua, de esportistas</p> <p>As manifestações espontâneas e eventuais</p>	<p>Os lugares: calçadas e travessias, as galerias e átrios dos edifícios e calçadas fronteiriças, entradas do metrô, paradas de ônibus, praças, espaços pactuados para encontros</p> <p>Os horários: horários de expediente, fins de expediente, noite e a madrugada finais de semana,</p> <p>as atividades: manifestação, exposição, performance, contemplação fotografar , conversa, beber, fumar</p> <p>as pessoas envolvidas: indivíduos, grupos, amigos, familiares</p>	<p>As interações entre cidadãos na cidade: isolamento, copresença compartilhamento significados, disputa pelo espaço</p> <p>As interações dos cidadãos com sua cidade: separação coespacialidade, percepções e interpretações do espaço - apropriações do espaço / limitação e restrição de acesso - pontos de encontro</p> <p>As regulações dessas dimensões: fluxos de pedestres e veículos, sinalização de trânsito, segurança pública, organização das filas, distribuição dos mobiliários urbanos, limites das propriedades privadas</p>

Situação de apropriação do espaço público - Passagem

<i>Espaços formais</i>	<i>Espacialidades observadas</i>	<i>Dimensões do cotidiano simultâneas e/ou descontínuas</i>	<i>Lugar praticado - processos e interações - a combinação particular dessas dimensões</i>
<p>Eixo de ligação viária e de transporte - calçadas e travessias adequadas para o deslocamento a pé, via arterial inter bairros; faixa de circulação preferencial de ônibus, trecho do sistema metrô; faixa de circulação eventual de bicicletas</p>	<p>Fluxos de pedestres, veículos e ônibus</p> <p>Fluxos de passageiros da rede integrada de metrô e trem</p> <p>Fluxos de ciclistas</p>	<p><i>Os lugares:</i> calçadas e travessias, vias e faixas de circulação, paradas de ônibus, entradas, estações e vias do metrô, faixas cicloviárias temporárias</p> <p><i>Os horários:</i> horários de pico horários entre-pico horários fora de pico horários regulamentados</p> <p><i>As atividades:</i> caminhar, deslocamento, tempos de espera dos transportes</p> <p><i>As pessoas envolvidas:</i> pedestres, passageiros, motoristas, agentes de trânsito e transporte</p>	<p><i>As interações entre cidadãos na cidade:</i> isolamento, copresença compartilhamento de modos de transporte. disputa pelo espaço / sistema de transporte - calçada, via, ônibus, metrô</p> <p><i>As interações dos cidadãos com sua cidade:</i> separação coespacialidade, percepções e interpretações do espaço - apropriações do espaço / sistema de transporte limitação e restrição de acesso aos sistemas de transporte</p> <p><i>As regulações dessas dimensões:</i> fluxos de pedestres e veículos, sinalização de trânsito, segurança pública, organização das filas, distribuição dos mobiliários urbanos</p>

Situação de apropriação do espaço público - Ritual / Simbólica

Espaços formais	Espacialidades observadas	<i>Dimensões do cotidiano simultâneas e/ou descontínuas</i>	<i>Lugar praticado - processos e interações - a combinação particular dessas dimensões</i>
<p>Concentração de edifícios com forte representação simbólica - atividades de comando e de poder político, econômico, e atividades culturais</p>	<p>As manifestações políticas, sociais e culturais</p>	<p><i>Os lugares:</i> espaços regulamentados - faixas ou pistas de circulação; espaços adaptados para o evento - palcos, portais</p> <p><i>Os horários:</i> calendário oficial</p> <p><i>As atividades:</i> manifestação, contemplar performances, fotografar,</p> <p><i>As pessoas envolvidas:</i> grupos, indivíduos, amigos, familiares</p>	<p><i>As interações entre cidadãos na cidade:</i> isolamento, copresença compartilhamento de significados, disputa pelo espaço</p> <p><i>As interações dos cidadãos com sua cidade:</i> separação coespacialidade, percepções e interpretações do espaço - apropriações do espaço / limitação e restrição de acesso - pontos de encontro</p> <p><i>As regulações dessas dimensões:</i> definição dos espaços de manifestação, reorganização dos espaços com novas funções suspensão dos fluxos cotidianos, aparatos de segurança pública e de imprensa, distribuição dos mobiliários urbanos excepcionais</p>

Notas finais para uma proposição metodológica

Olhar para o cotidiano observando as dimensões retalhadas da vida social pressupõe uma intenção de desvendar os enigmas escondidos nos movimentos de repetição e rupturas baseada no pressuposto de que a reprodução social que acontece no cotidiano contém as contradições mais amplas da própria sociedade e neste sentido, a busca de realização de necessidades não satisfeitas que se repercutem em embates e confrontos sutis e/ou declarados e, nestes movimentos se colocam as possibilidades da transformação social.

Com base nas contribuições de diversos autores sobre as relações intrínsecas entre mobilidade e espacialidade, a reflexão sobre a Avenida Paulista, entendida como um *retalhamento da realidade* ou *contexto dos indivíduos* conforme afirma Pais, permitiu-nos realizar um ensaio analítico e desvendar através de sua história e de muitas experiências de espacialidade e de mobilidade, alguns *enigmas* das relações e conflitos entre as estruturas normativas da sociedade e as vivências individuais e coletivas, nos ritmos e tempos da vida cotidiana. Como nos informa este autor, além de revelar e ao mesmo tempo esconder as grandes de terminações sociais, a vida cotidiana não é feita apenas de cenas, gestos, trajetos e paragens rotineiros e repetitivos. Abriga também o imprevisto, a surpresa e o excepcional nos tempos de trabalho, lazer, comemoração e protesto que muitas vezes se cruzam e se imiscuem.

Reafirmando o olhar analítico de Lussault, a Avenida Paulista se apresenta como um especial exemplo de espaço público que constitui “*o conjunto dos fenômenos que exprimem a regulação social das relações de distância entre as distintas realidades e espacialidade, o conjunto dos usos do espaço por agentes sociais*” (2009, p. 20) Na mesma linha de interpretação de Goffman (2010), Lussault nos fala também, da encenação da vida cotidiana no espaço público, quando cada indivíduo se manifesta por meio de relações específicas dos atores para com os lugares. Essa manifestação / encenação pode se dar tanto no caminho que ele escolhe fazer, como nos gestos, posturas, linguagens e atitudes utilizadas que vão parecer mais ou menos adequados em cada situação espacial específica.

Mais que regras, essas manifestações se constituiriam numa cultura espacial. O autor nos faz entender essa cultura espacial como a combinação de práticas ritualizadas, práticas corporais (idem, p.22) . Existe uma atitude, uma vestimenta para ‘ir ao centro’ / ‘ir a cidade’. As tribos urbanas adotam práticas corporais particulares e encontram na Avenida Paulista um palco aberto para sua exposição.

Se as relações de distância variam conforme o capital-mobilidade de cada indivíduo ou grupo que compartilha o mesmo espaço, a regulação social das relações de

distância precisa dar conta dessas distintas realidades, espacialidade e formas de apropriação do espaço pelos agentes sociais conforme suas mobilidade?

Ao seguirmos os rastros de todas as contribuições analíticas e metodológicas alinhavadas neste artigo, avançamos na perspectiva de uma abordagem sobre o espaço público que rompendo os limites das abordagens centradas na materialidade do espaço urbano, capta as interações entre tempo e espaço, ou seja, entre mobilidade e espacialidades.

Referencias Bibliográficas

AGIER, Michel. Esquisses d'une anthropologue de La ville. Lieux, situations, mouvements. Louvain-la-Neuve: Bruylant-Academia, 2009.

CARMO, Renato Miguel. Do espaço abstracto ao espaço compósito: refletindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (org.). *A produção das mobilidades. Redes, espacialidades, trajetos*. Lisboa, Portugal, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009.

CERTAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.

CRESWELL, Tim. Justice sociale et droit à la mobilité in ALLEMAND, S., ASCHER, F., LÉVY, J. (org.). *Les sens du mouvement*. Paris: Belin / IVM, 2004.

_____. Seis temas na produção das mobilidades. In CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (org.). *A produção das mobilidades. Redes, espacialidades, trajetos*. Lisboa, Portugal, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009.

DUPAS, Gilberto. Tensões contemporâneas entre o público e o privado. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n.124. Jan/Abril, 2005. p. 33-42.

FREHSE, Fraya. Ô da Rua! O Transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2011.

GOFFMAN, Erving. Comportamentos em lugares públicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LEFEBVRE, Henri A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LUSSAULT, Michel. *De La lutte de classes à La lutte des places*. Paris: Bernard Grasset, 2009.

MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana – enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

VILLAÇA, Flávio. Reflexões sobre as cidades brasileiras. São Paulo: Studio Nobel, 2012.